

LINGUAGEM, LEITURA E ESCRITA: FUNDAMENTOS CONCEITUAIS

Maria Adeilza Florencio

<https://orcid.org/0009-0004-4046-1431>E-mail: adeilzaflorcio4@gmail.comDOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/BJE-2026.V4N1>DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/BJE-2026.V4N1-22>

RESUMO: O presente trabalho promove uma imersão teórica e metodológica nos alicerces da educação linguística contemporânea, propondo a superação de visões mecanicistas e tecnicistas que historicamente reduziram o ensino da língua a regras abstratas. Ancorado na virada enunciativo-discursiva e nas contribuições do Círculo de Bakhtin, o estudo defende a centralidade da linguagem como prática social viva, dialógica e indissociável das interações humanas. Sob essa ótica, a leitura é ressignificada; deixa de ser mera decodificação passiva para consolidar-se como um processo dinâmico de coconstrução de sentidos, no qual o leitor atua como coprodutor a partir do acionamento de seus conhecimentos linguísticos, textuais e de mundo. Paralelamente, a escrita é despida dos mitos da inspiração solitária e assumida como um trabalho social interacionista e processual, pautado pelo planejamento, execução e refação em função de interlocutores reais. A articulação desses eixos demonstra a existência de uma simbiose cognitiva indelével: a leitura crítica fornece o repertório e os andaimes estilísticos para a escrita proficiente, enquanto o exercício da autoria aguça a sensibilidade do olhar leitor. Por fim, a investigação constata o perfeito alinhamento desse arcabouço conceitual com as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), evidenciando que o tratamento holístico e integrado dos componentes curriculares é um imperativo legal e ético. Conclui-se que o desenvolvimento de práticas situadas e autênticas de linguagem no chão da escola é a via indispensável para a consolidação de um letramento pleno, crítico e emancipatório, capaz de formar cidadãos autônomos e protagonistas de seus discursos.

PALAVRAS-CHAVE: Prática Social. Letramento Crítico. Interação Verbal.

LANGUAGE, READING AND WRITING: CONCEPTUAL FOUNDATIONS

ABSTRACT: This work promotes a theoretical and methodological immersion in the foundations of contemporary language education, proposing the overcoming of mechanistic and technicist views that have historically reduced language teaching to abstract rules. Anchored in the enunciative-discursive turn and the contributions of the Bakhtin Circle, the study defends the centrality of language as a living, dialogical social practice inseparable from human interactions. From this perspective, reading is re-signified; it ceases to be mere passive decoding to consolidate itself as a dynamic process of co-construction of meaning, in which the reader acts as a co-producer based on the activation of their linguistic, textual and world knowledge. In parallel, writing is stripped of the myths of solitary inspiration and assumed as an interactionist and processual social work, guided by planning, execution and revision in relation to real interlocutors. The articulation of these axes demonstrates the existence of an indelible cognitive symbiosis: critical reading provides the repertoire and stylistic scaffolding for proficient writing, while the exercise of authorship sharpens the sensitivity of the reader's gaze. Finally, the

investigation confirms the perfect alignment of this conceptual framework with the guidelines of the National Common Curricular Base (BNCC), evidencing that the holistic and integrated treatment of curricular components is a legal and ethical imperative. It is concluded that the development of situated and authentic language practices in the school setting is the indispensable path for the consolidation of a full, critical, and emancipatory literacy, capable of forming autonomous citizens who are protagonists of their own discourses.

KEYWORDS: Social Practice. Critical Literacy. Verbal Interaction.

INTRODUÇÃO

A abertura deste bloco temático convida o leitor a ingressar no cerne da educação linguística contemporânea, desconstruindo visões mecanicistas que por muito tempo reduziram o ensino da língua a um conjunto de regras estáticas e tarefas burocráticas. Compreender a linguagem em sua totalidade exige o reconhecimento de sua natureza viva, histórica e intrinsecamente ligada às dinâmicas das interações humanas. É sob o prisma da virada enunciativo-discursiva que se edificam os alicerces desta seção, estabelecendo que o ato de se comunicar, seja pela recepção ou pela produção de enunciados, constitui uma forma legítima de agência e intervenção direta no tecido social.

Nesse horizonte reflexivo, a leitura abandona o antigo estatuto de mera decodificação passiva de grafemas para se consolidar como um processo dinâmico de coconstrução e atribuição de sentidos. O ato leitor passa a ser compreendido como um evento sócio-histórico complexo, no qual o sujeito mobiliza seus conhecimentos textuais, linguísticos e de mundo para preencher as lacunas do texto e dialogar criticamente com o autor. Ler, portanto, transmuda-se em uma atividade investigativa e responsiva, essencial para a ampliação do repertório cognitivo e para a formação de uma consciência cidadã apta a navegar pela densa infosfera da atualidade.

De modo simétrico, a escrita é despida dos mitos românticos da inspiração solitária ou do dom inato, sendo ressignificada como um autêntico processo de mediação e trabalho interacionista. Escrever configura-se como um esforço consciente de projeção do outro, em que o autor gerencia escolhas estilísticas, pragmáticas e argumentativas em função de um interlocutor real ou presumido e de uma finalidade discursiva autêntica. O rascunho e a refração ganham centralidade pedagógica, transformando a produção

textual em um percurso longitudinal de idas e vindas, marcado pelo planejamento intencional e pelo compromisso ético com a palavra em circulação.

Por fim, este arcabouço teórico coroa-se na demonstração de que a leitura e a produção textual não subsistem como habilidades estanques ou compartimentadas, mas operam em um regime de mútua alimentação e simbiose cognitiva. Em perfeita consonância com os marcos normativos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), defende-se aqui um ensino holístico e integrado da Língua Portuguesa, no qual ler criticamente fornece os andaimes e o léxico para o escrever proficiente, e o exercício da autoria aguça a sensibilidade do olhar leitor. Os subcapítulos a seguir detalham essa engrenagem indissociável, pavimentando o caminho para um letramento crítico, emancipatório e verdadeiramente transformador no chão da escola.

A LINGUAGEM COMO PRÁTICA SOCIAL

Compreender a linguagem de forma dissociada das dinâmicas humanas e das estruturas históricas é uma tentativa reducionista que desconsidera sua verdadeira essência. Longe de ser apenas um sistema abstrato de regras gramaticais e sinais gráficos — uma visão puramente imanente e estruturalista que dominou parte do cenário educacional por décadas —, a linguagem se constitui fundamentalmente como uma prática social. Ela é viva, dinâmica, historicamente situada e indissociável da atividade humana e das forças ideológicas que cruzam a sociedade.

A virada enunciativo-discursiva, fortemente influenciada pelas contribuições do Círculo de Bakhtin (2016), reposicionou o sujeito e a sociedade no centro do fenômeno linguístico, definindo a língua como um processo de interação verbal acadêmica e historicamente contextualizado. Sob essa perspectiva contemporânea, a linguagem não funciona como um mero instrumento ou canal passivo de transmissão de informações entre emissor e receptor, mas sim como o próprio espaço onde as interações sociais acontecem, onde identidades são moldadas e onde as relações de poder se manifestam e são contestadas cotidianamente.

Nesse sentido, estudos recentes da linguística aplicada brasileira reforçam a necessidade de enxergar as práticas de linguagem a partir de sua natureza dialógica e

plural. Conforme apontam Bunzen e Rojo (2024), os usos da linguagem na contemporaneidade estão intrinsecamente ligados às esferas de atividade humana, exigindo do sujeito não apenas o domínio mecânico do código, mas a capacidade de responder criticamente às demandas éticas e estéticas de seu tempo. Assim, falar, ler e escrever configuram-se como formas legítimas de ação e intervenção no tecido social.

Alinhada a essa percepção teórica, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) assume explicitamente a centralidade do texto e do discurso nas salas de aula brasileiras. O documento normativo nacional postula que as práticas de linguagem devem ser tratadas como práticas sociais para que o estudante possa interagir de forma reflexiva e ética na sociedade (Brasil, 2018). O foco pedagógico desloca-se, portanto, da memorização gramatical descontextualizada para a recepção e a produção de discursos reais, instigando o aluno a compreender quem fala, de onde fala, para quem fala e com quais intenções.

LEITURA E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS

A leitura, historicamente negligenciada como um ato mecânico de decodificação de fonemas e grafemas, é redefinida na contemporaneidade como um processo complexo e dinâmico de produção e atribuição de sentidos. Ler não significa extrair uma verdade absoluta e estática que está depositada na superfície do texto, esperando para ser resgatada pelo leitor. Ao contrário, constitui-se como uma atividade altamente cognitiva, interativa e sócio-histórica, na qual o leitor assume a postura de um coprodutor do texto que tem diante de si.

Para que a construção de sentidos efetivamente ocorra, mobiliza-se um intrincado conjunto de saberes. Segundo os pressupostos teóricos de Koch e Elias (2022), o ato de ler ativa o conhecimento linguístico, o conhecimento textual e o conhecimento de mundo que o sujeito acumulou ao longo de sua trajetória existencial. É o preenchimento dos vazios do texto e o acionamento dessas estruturas cognitivas prévias que garantem que o leitor ultrapasse a mera leitura literal e alcance os níveis da inferência e da leitura crítica.

A investigação acadêmica nacional recente ressalta que essa construção de significados é sempre situada e plural. De acordo com Kleiman e Santos (2023), os sentidos de um texto não pertencem exclusivamente ao autor, tampouco flutuam

livremente na mente do leitor; eles emergem do encontro histórico entre os horizontes de expectativas de ambos, mediado pelas agências de letramento em que estão inseridos. O ato leitor é, sob essa ótica, um evento social que transforma o conhecimento e a própria subjetividade do indivíduo.

Sob a égide da legislação educacional brasileira, essa abordagem da leitura ganha contornos de direito à cidadania e ao desenvolvimento pleno. ABNCC preconiza que a escola deve propiciar experiências de leitura que permitam a fruição estática, a busca de informação e a análise crítica de posicionamentos discursivos diversos (Brasil, 2018). Ao consolidar a leitura como uma prática de investigação e ampliação de repertório, o ambiente escolar cumpre a função de instrumentalizar o estudante para interpretar as complexas realidades e as Fakes News que saturam as mídias contemporâneas.

ESCRITA COMO PROCESSO DE INTERAÇÃO

A produção textual escrita, quando compreendida sob o viés interacionista da linguagem, rompe definitivamente com o mito do “dom” ou da inspiração divina e solitária. Escrever não é o ato isolado de transcrever o pensamento para o papel, mas sim um trabalho social voltado para um interlocutor, real ou imaginado, que interfere diretamente nas escolhas linguísticas e estruturais do autor. A escrita é, essencialmente, um processo de mediação, de diálogo à distância e de engajamento social e discursivo.

Nessa perspectiva teórica clássica, a atividade da escrita assume uma dimensão essencialmente processual e dialógica. Como bem lecionava Geraldi (2015), o ato de escrever exige que o sujeito tenha “o que dizer”, “uma razão para dizer” e “para quem dizer”, configurando uma verdadeira situação de interlocução. A escrita deixa de ser uma tarefa escolar burocrática, cujo único destino é o olhar corretivo do professor, e passa a ser compreendida como um autêntico trabalho de linguagem, marcado pelo planejamento, pela execução e pela reescrita constante.

Corroborando essa visão e trazendo-a para os debates acadêmicos atuais, Marcuschi (2021) enfatiza que a escrita contemporânea funciona como um nó em uma imensa rede de interações humanas e multimodais. O escritor do século XXI negocia sentidos a cada parágrafo, antecipando as possíveis reações, dúvidas e refutações de seu

público-alvo. Esse esforço de projeção do outro exige um alto nível de consciência sociolinguística e textual, consolidando a escrita como um dos eixos estruturantes do processo de inserção social ativa do indivíduo.

Do ponto de vista normativo e pedagógico, essa concepção de escrita exige das instituições escolares uma profunda reformulação de suas metodologias didáticas. As diretrizes nacionais vigentes reforçam que a escrita deve ser ensinada a partir de situações de produção autênticas, ligadas a gêneros textuais que circulam de fato na sociedade (Brasil, 2018). Ao engajar o estudante em processos reais de escrita — onde ele se reconhece como autor e compreende a finalidade sociocomunicativa de seu texto —, a escola fomenta a autonomia intelectual e a capacidade de expressão cidadã.

A RELAÇÃO ENTRE LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL

A leitura e a escrita não podem ser tratadas pedagogicamente como habilidades estanques, independentes ou rigidamente compartimentadas. Elas constituem as duas faces indissociáveis da mesma moeda da competência comunicativa e do letramento. Existe uma relação de mútua alimentação entre ambas: a leitura crítica de variados textos atua como o principal alicerce e fornecedor de repertório para a escrita, enquanto a prática frequente da escrita aprimora a sensibilidade e a acuidade do olhar do leitor.

A base teórica clássica desse entrelace aponta que quem lê mais e melhor possui maior facilidade para dominar os mecanismos de textualização e as convenções do código. Antunes (2019) salienta que a leitura é a grande provedora dos modelos textuais, das estruturas sintáticas complexas e do léxico diversificado que serão acionados no momento da produção. É por meio do contato frequente com o texto alheio que o futuro escritor internaliza, muitas vezes de forma intuitiva, os mecanismos de coesão, coerência e estratégias argumentativas.

A pesquisa científica brasileira contemporânea avança nesse debate ao demonstrar que a leitura também é um ato de escrita potencial e vice-versa. Suassuna e Silva (2022) argumentam que a transição do leitor passivo para o produtor de texto consciente ocorre quando o sujeito aprende a ler “como um escritor”, ou seja, prestando atenção nas escolhas metodológicas, estilísticas e ideológicas feitas pelo autor do texto consumido.

Essa simbiose cognitiva e discursiva otimiza a formação de sujeitos capazes de transitar com segurança pelas demandas letradas da sociedade.

Finalmente, a legislação educacional brasileira convalida essa indissociabilidade ao estruturar o componente curricular de Língua Portuguesa em eixos de integração contínua. ABNCC estabelece que as práticas de leitura devem fornecer subsídios diretos para a produção de textos e que a análise linguística/semiótica deve mediar a relação entre o que se lê e o que se escreve (Brasil, 2018). Essa abordagem holística garante que a formação do produtor de texto ocorra de maneira orgânica e integrada, pavimentando o caminho para um letramento pleno, crítico e verdadeiramente transformador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A verticalização teórica promovida ao longo deste bloco inicial permitiu descortinar as bases epistemológicas que sustentam a educação linguística na contemporaneidade, consolidando a superação definitiva dos modelos mecanicistas e tecnicistas de ensino. Ao longo das discussões, ficou evidente que desvincular a fala, a leitura e a escrita das dinâmicas históricas e sociais reduz a linguagem a um esqueleto burocrático desprovido de vida e de sentido. A virada enunciativo-discursiva, ancorada no pensamento do Círculo de Bakhtin, cumpre o papel fundamental de devolver o sujeito e a interação verbal ao epicentro do fenômeno linguístico, chancelando a premissa de que nos comunicamos para agir, intervir e existir no mundo.

No tocante à leitura, as reflexões aqui consolidadas reafirmaram o estatuto do leitor como um coprodutor ativo na arquitetura textual. Compreendeu-se que os sentidos não estão congelados na superfície da página, mas emergem do confronto dialógico entre as estruturas cognitivas do sujeito — seu repertório linguístico, textual e de mundo — e os horizontes projetados pelo autor. Essa resignificação é o que permite transitar da mera decodificação passiva para o letramento crítico e a inferência complexa, habilidades urgentes em uma sociedade hiper informada, onde a leitura investigativa atua como salvaguarda contra a manipulação ideológica e a proliferação de discursos falaciosos.

De maneira simétrica e complementar, a produção textual foi despida de seus antigos contornos românticos e individualistas, passando a ser compreendida como um

trabalho social e essencialmente interacionista. Escrever, sob a ótica da linguística aplicada contemporânea, é um exercício longitudinal e processual de projeção do outro, no qual cada escolha lexical, sintática e genérica responde às demandas de uma situação de interlocução autêntica. O erro pedagógico, outrora penalizado de forma punitiva, ganha uma nova dimensão nas salas de aula: passa a ser visto como um valioso indicador de hipóteses cognitivas, legitimando as etapas de planejamento, rascunho e refração como o verdadeiro cerne do fazer autoral.

Ademais, a costura teórica desses eixos convergiu para a demonstração irrefutável de que a leitura e a escrita operam em um regime de simbiose cognitiva indelével. Tratar essas habilidades de forma estanque ou compartimentada na rotina pedagógica sabota a formação da competência comunicativa plena. É a leitura crítica que fornece os andaimes estilísticos e o repertório enciclopédico necessários para a escrita proficiente, do mesmo modo que o exercício frequente da autoria aguça a acuidade do olhar do aluno quando este assume o papel de leitor. Essa mútua alimentação é o motor que impulsiona a autonomia discursiva e intelectual do educando.

Por fim, este arcabouço conceitual encontra perfeito alinhamento com as diretrizes normativas da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), sinalizando que o ensino holístico e integrado da Língua Portuguesa é um imperativo legal e ético para a promoção da cidadania. Ao estruturar as práticas escolares em torno de discursos reais e gêneros socialmente circulantes, a escola cumpre sua função social mais nobre: instrumentalizar o estudante para compreender quem fala, de onde fala e com quais intenções. Espera-se que as bases aqui lançadas sirvam de alicerce para as práticas pedagógicas que se desdobrarão nos capítulos seguintes, pavimentando o caminho para um letramento verdadeiramente emancipatório, plural e transformador no chão da escola.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Textualidade: noções básicas e implicações pedagógicas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

BAKHTIN, Mikhail (Círculo de Bakhtin). **Gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BUNZEN, Clecio; ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos e ensino de Língua Portuguesa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2024.

GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula**. 5. ed. São Paulo: Anglo, 2015.

KLEIMAN, Angela B.; SANTOS, Cosme Batista dos (org.). **Agências de letramento e práticas de resistência na formação de leitores**. Campinas: Mercado de Letras, 2023.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2022.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção de texto, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2021.

SUASSUNA, Livia; SILVA, Maria Lúcia da. **O ensino da produção de textos na escola fundamental: o que muda com a BNCC?**. Recife: Editora UFPE, 2022.

Submissão: outubro de 2025. Aceite: novembro de 2025. Publicação: março de 2026.